

AUTOMEDIALIDADE E RESSONÂNCIA PARA A FORMAÇÃO DE SI DE JOVENS NA UNIVERSIDADE: ATELIÊ COM BLOGS REFLEXIVOS

■ ROSEMEIRE REIS

 <https://orcid.org/0000-0003-1525-3564>

Universidade Federal de Alagoas

RESUMO

Neste artigo, apresentamos um dispositivo de pesquisa-formação com indícios de automedialidade e com narrativas compartilhadas, seus pressupostos teórico-metodológicos e alguns efeitos de ressonância para a formação de si de jovens estudantes da universidade. Tal dispositivo foi realizado com um grupo de jovens estudantes de Pedagogia, em uma universidade pública federal, no âmbito de uma pesquisa maior, que trata dos desafios enfrentados pelos(as) jovens para se construírem como estudantes na vida universitária. Desse modo, o procedimento fundamenta-se nos referenciais teóricos e metodológicos da automedialidade, conforme Christine Delory-Momberger e Jean-Claude Bourguignon, e da pesquisa (auto)biográfica, de acordo com Christine Delory-Momberger, Maria Conceição Passeggi e Elizeu Clementino de Souza. Como resultado, pode-se identificar que a participação dos(as) jovens no dispositivo permite práticas de si com efeitos de ressonância, tendo em vista a formação de si. Conclui-se que a partir dos gestos automediais, pela produção de *blogs* e/ou vídeos, articulados aos processos de reflexividade sobre tais gestos, com as narrativas de si individuais e compartilhadas, contribui-se para a compreensão dos desafios enfrentados por esses(as) jovens para se construírem como estudantes, para o fortalecimento dos sentimentos de pertencimento e de autoria em relação às diferentes dimensões da vida universitária.

Palavras-chave: Automedialidade. Dispositivos de pesquisa-formação. Jovens universitários(as). Ressonância. Formação de si.

ABSTRACT

SELF-MEDIATEDNESS AND RESONANCE FOR SELF-FORMATION OF YOUNG PEOPLE AT UNIVERSITY: WORKSHOP WITH REFLECTIVE BLOGS

In this article we present a research device of formation with hints of automediality and shared narratives, its theoretical and method-

ological assumptions, and some resonance effects for the formation of the self of young university students. Such device was carried out with a group of young Pedagogy students, in a federal public university, as part of a larger research, which deals with the challenges faced by young people to build themselves as students in university life. Thus, this procedure is based on the theoretical and methodological references of self-mediation, according to Christine Delory-Momberger and Jean-Claude Bourguignon and (auto)biographical research, according to Christine Delory-Momberger, Maria Conceição Passeggi and Elizeu Clementino de Souza. As a result, one can identify that the participation of young people in the device allows practices of the self with resonance effects, having in view the formation of the self. It is concluded that the self-medial gestures, through the production of blogs and/or videos, articulated to the processes of reflexivity about such gestures, with individual and shared narratives of the self, contributes to the understanding of the challenges faced by these young people to build themselves as students, to the strengthening of the feelings of belonging and authorship in relation to the different dimensions of university life.

Keywords: Automediality. Research device of formation. Young people/university students. Resonance. Formation of self.

RESUMEN

AUTOMEDIACIÓN Y RESONANCIA PARA LA AUTOFORMACIÓN DE JÓVENES EN LA UNIVERSIDAD: TALLER CON BLOGS REFLEXIVOS

En este artículo presentamos un dispositivo de investigación de formación con matices de automedialidad y narrativas compartidas, sus presupuestos teóricos y metodológicos y algunos efectos de resonancia para la formación de sí de jóvenes estudiantes en la universidad. Tal dispositivo fue realizado con un grupo de jóvenes estudiantes de Pedagogía, en una universidad pública federal, en el ámbito de una investigación mayor, que trata de los desafíos enfrentados por los jóvenes para construirse como estudiantes en la vida universitaria. Así, tal procedimiento se basa en las referencias teóricas y metodológicas de la auto-mediación, según Christine Delory-Momberger y Jean-Claude Bourguignon, y de la investigación (auto)biográfica, según Christine Delory-Momberger, Maria Conceição Passeggi y Elizeu Clementino de Souza. Como resultado, se puede identificar que la participación de los jóvenes en el dispositivo permite prácticas del yo con efectos de resonancia, teniendo en vista la formación del yo. Se concluye que los gestos auto-mediales, por medio de la produc-

ción de *blogs* y/o videos, articulados a los procesos de reflexividad sobre tales gestos, con las narrativas individuales y compartidas del yo, contribuye a la comprensión de los desafíos enfrentados por estos jóvenes para construirse como estudiantes, al fortalecimiento de los sentidos de pertenencia y autoría en relación a las diferentes dimensiones de la vida universitaria.

Palabras clave: Automediación. Dispositivos de investigación formativa. Jóvenes/universitarios. Resonancia. Formación del yo.

Introdução

Partilhamos a perspectiva da juventude como categoria socialmente construída e compreendemos a importância de realizar estudos das juventudes plurais, como sujeitos de direitos (Dayrell e Carrano, 2014; Sposito, Carrano, 2003), com seus saberes e diversidade em seus modos de ser jovens (Pais, 2003; Reguillo, 2003; Dayrell, 2007; Dayrell e Carrano, 2014). No grupo de pesquisa Juventudes, Culturas e Formação (GPEJUV) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), preocupamo-nos em realizar pesquisas com os(as) juventudes e não sobre eles(as). Consideramos, ainda, que no espaço universitário as juventudes vivenciam desafios específicos e nele se inscrevem “expressões juvenis singulares e coletivas que podem ser analisadas e potencializadas” (Reis, 2022, p. 54).

Em consonância com tais princípios, este artigo apresenta o estudo com jovens da universidade, a partir de um dispositivo de pesquisa-formação com indícios de automedialidade e narrativas partilhadas como parte de uma pesquisa maior, que trata dos desafios enfrentados pelos(as) jovens para se construir como estudantes na vida universitária. Temos como objetivos evidenciar os pressupostos teórico-metodológicos e alguns dos efeitos de ressonância desse dispositivo para a formação de si de dez jovens estudantes de uma universidade pública federal, que dele participam entre os anos de 2018 e 2019.

O dispositivo, enquanto um dos procedimentos da pesquisa, se fundamenta nos referenciais teóricos e metodológicos da automedialidade, segundo Christine Delory-Momberger e Jean-Claude Bourguignon¹. Eles partem dos estudos de Christian Moser e Jörg Dünne, para explicar que quando o sujeito pretende produzir uma relação reflexiva sobre si é obrigado a recorrer a uma exteriorização de um meio técnico, “[...] que abre ao indivíduo um espaço de jogo para uma prática de si” (Moser e Dünne in Delory-Momberger; Bourguignon, 2019, p. 38)². Delory-Momberger e Bourguignon consideram, portanto, que as experiências automediais propiciam espaços de criação. Segundo eles, tais espaços se configuram quando é possível o encontro entre o movimento de uma pesquisa sensível, realizada pelo sujeito “[...] sobre o material e sobre o fazer da obra, a reflexão subjetiva que acompanha o gesto da criação, e o trabalho sobre si [...]” (Delory-Momberger; Bourguignon, 2019, p. 38) que ocorre neste sujeito quando ele está no processo de criação

É importante salientar que os modos de organização do dispositivo com *blogs* reflexivos, enquanto espaço de criação, inspiram-se

1 Neste artigo, optamos por escrever o nome completo do(a) autor(a) na primeira vez em que aparece no texto. Posteriormente, utilizamos somente o sobrenome.

2 As citações dos textos em francês ao longo do artigo são traduções livres da autora.

nos princípios do ateliê biográfico de projeto de Delory-Momberger (2006, 2014b) e do ateliê de criação compartilhada, de Delory-Momberger (2018). Tanto na pesquisa maior como no dispositivo articulam-se, também, os referenciais da pesquisa (auto)biográfica, conforme os pressupostos de Delory-Momberger (2014a; 2014c); de Franco Ferrarotti (2013); de Maria da Conceição Passeggi (2021)³ e de Elizeu Clementino de Souza (2020).

Compreende-se pesquisa-formação, conforme Marie-Christine Josso (2010, p. 145), como “[...] interação centrada na gestão da intersubjetividade entre pesquisadores e atores/participantes, [...] que permite criar as condições necessárias à compreensão da formação [...] pela mediação de uma experiência formadora”.

Desse modo, o ateliê com *blogs* reflexivos fundamenta-se na automedialidade, mediante a criação de *blogs* e vídeos como “meios” que propiciam práticas de si, tendo como eixo central a produção ou a escolha de imagens significativas sobre a relação com a universidade. Articula-se ao trabalho com a automedialidade a produção de narrativas de si – escritas individuais no *blog* e apresentação oral das produções no grupo –, conforme os pressupostos da pesquisa (auto)biográfica.

A pesquisa-formação realiza-se pela articulação entre a dimensão existencial/criadora/sensível, com automedialidade, a partir da criação do *blog*, de vídeos, da produção ou ressignificação de imagens e da dimensão intelectual/sensível (reflexão sobre essa implicação a partir das narrativas de si, individuais e coletivas).

Sobre a noção de dispositivo, recorreremos a Brigitte Albero (2010). Ela explica que, geralmente, o dispositivo é compreendido como um agenciamento técnico e o modo estratégico de

colocar em funcionamento os meios mobilizados para alcançar um objetivo. Acrescenta a autora que, em relação à formação, “o dispositivo se materializa como um artefato funcional, com uma organização particular dos objetos, atores, estruturas e sistemas de relações, em função dos objetivos de formação de uma situação dada” (Albero, 2010, p. 2).

Conforme Albero (2010), o dispositivo pode ser analisado de modo positivo, como um artefato criado como uma atividade racional, com capacidade para alcançar determinados objetivos de formação, porém, o dispositivo pode estar a serviço do processo de dominação.

André Berten (1999), tendo como referências os estudos de Foucault, explica que o dispositivo é um instrumento com intenção política, econômica, cultural, técnica, educativa e terapêutica, dentre outras, em relação à formação dos sujeitos. Portanto, os dispositivos, que são construções históricas e sociais, tanto podem visar ao assujeitamento como a emancipação.

O dispositivo, nesta pesquisa-formação, foi organizado pelo artefato cultural ou meio denominado *blog*; posteriormente, dentro do *blog*, cada participante foi convidado(a) a produzir um pequeno vídeo. A proposta, portanto, é a produção do meio como uma criação.

É importante salientar que “os *weblogs*, *blogs*, surgidos ao final dos anos [19]90, difundiram-se rapidamente, pela facilidade de produção, que não exige grandes conhecimentos de linguagem html” (Brito *et al.*, p.3). O *blog* pessoal autorreflexivo⁴, conforme Alex Primo (2008), é individual e voltado para a manifestação de opiniões e reflexões pessoais sobre si, sobre os outros e sobre sua vida cotidiana. Ele pode ser atualizado diariamente, de forma datada, e apresentar registros de situações diárias de quem o escreve. Portanto, pode ser

3 Em relação ao movimento da pesquisa (auto)biográfica no Brasil, ver também: Passeggi e Souza (2017).

4 Primo (2008) apresenta uma análise dos diferentes gêneros de *blog*.

classificado como um tipo de diário pessoal em formato eletrônico. Desse modo, optamos por incentivar os(as) jovens do grupo a construir seus *blogs* sobre as relações estabelecidas com a universidade e com o curso de Pedagogia.

Apesar de, na atualidade, esse não ser o meio eletrônico mais utilizado pelas juventudes, consideramos que sua construção individual, por meio de imagens produzidas ou escolhidas, e com outros meios, como poemas, músicas e pequenos relatos escritos, apresenta-se como um meio importante, que permite um trabalho automedial e potencializa a produção de narrativas de si. O espaço de partilha das produções individuais configura-se também enquanto importantes momentos de biografização como um trabalho, no qual cada um dá forma a sua existência (Delory-Momberger, 2014c). Ressaltamos que os *blogs*, como “meios” digitais, podem ser apenas meios técnicos para expressar mensagens de modo instrumental. Inclusive, esse modo de fazer o *blog* já havia sido experienciado, em uma disciplina, por participantes do ateliê. Superar essa perspectiva de produção dos *blogs*, tendo em vista uma aproximação com produções autediais, como práticas de si, foi um dos grandes desafios, porque não tínhamos formação artística e estávamos com estudantes de um curso de Pedagogia, e não com “artistas”.

Mesmo sendo uma atividade alternativa, sem vínculo com as disciplinas do curso, o ateliê, a princípio, era identificado como mais uma atividade estruturada pelos moldes do contexto acadêmico da universidade, que tende à objetividade, à normatividade. Sem a pretensão de “formar artistas pela aprendizagem estética”⁵, procuramos, aos poucos, ultrapassar

as barreiras instrumentais da construção dos *blogs*.

Foi preciso, gradativamente, desconstruir a ideia de que a produção do *blog* deveria seguir modelos pré-determinados. Cada um(a), embora a partir dos eixos organizadores dos encontros, produzia seu *blog* com suas singularidades, com as temáticas que o(a) tocavam e que, ao serem socializadas, tocavam os(as) colegas, nutriam-lhes com ideias e permitiam a cada um(a), ao seu modo e dentro de seus limites, trazer à tona dimensões criativas em sua produção.

A seguir, descrevemos o procedimento de pesquisa-formação realizado; seus pressupostos teórico-metodológicos e resultados, focalizando, especialmente, alguns de seus efeitos formativos, conforme a perspectiva dos(as) participantes do dispositivo.

Modos de organização de um espaço de pesquisa-formação com automedialidade e produção de narrativas de si

O dispositivo com os *blogs* reflexivos⁶ organizava-se com momentos individuais em que cada participante construía o *blog*, do título às postagens guiadas pelos subtemas apresentados pela coordenadora. Para cada subtema, havia a escolha de imagens, músicas e vídeos; a escrita de pequenos relatos etc. Os encontros presenciais, quinzenais, ocorriam no período vespertino, após as aulas do curso de Pedagogia, em um pequeno auditório no qual cada participante projetava suas postagens. Em seguida, havia o diálogo sobre as questões apresentadas.

A princípio, convidamos duas turmas de estudantes de Pedagogia, do terceiro e do quarto

5 Conforme Kaplan (2010, p. 31), na introdução ao livro de Dewey, *Arte como experiência*: “na experiência estética, o material é o lócus do ideal, encarnando em si significados e valores. É isso que faz de um material um ‘veículo’: o fato de os meios serem incorporados ao resultado [...]. Na arte os meios e os fins se in-

terpenetram tão intimamente que mal se distinguem entre si”.

6 O dispositivo com *blogs* reflexivos se configurou como um curso de extensão, com direito a certificado.

semestres, para duas rodas de conversa sobre os desafios enfrentados na universidade e no curso de Pedagogia. Desse primeiro momento, participaram 20 estudantes. Iniciamos a roda de conversa com a seguinte questão: “como a universidade entra em suas vidas?”.

Os debates eram acalorados e permitiam a identificação das questões: o lugar simbólico da universidade em suas vidas; os desafios para estudar; os desafios de compreensão dos conteúdos e dos saberes acadêmicos; as experiências de sociabilidades dos(as) jovens entre si e com os(as) professores(as) e suas contribuições para vencer os desafios; a relação com os espaços da universidade e os sentimentos de pertencer e de não pertencer à universidade, que se alternavam.

Essas questões serviam como eixos ou temáticas do ateliê com *blogs* reflexivos. Cada encontro presencial tinha como pauta uma dessas temáticas. A partir da produção de imagens e narrativas de si, 10 jovens – oito mulheres e dois homens – aceitaram participar desse dispositivo pelo período de um ano (2019). O objetivo principal era propiciar reflexões sobre os sentidos atribuídos às experiências na universidade.

A partir dos debates, no primeiro encontro, os(as) jovens optaram pela produção do *blog*; mas também houve a possibilidade de utilização de páginas em redes sociais, como o Instagram e o Facebook. Aos poucos, os *blogs* tornaram-se o meio mais utilizado, tendo um participante trocado, gradativamente, o *blog* pela produção de vídeo.

Em cada encontro, um dos eixos delineados era priorizado e os(as) participantes apresentavam o que haviam produzido: as postagens em seus *blogs*, com imagens, músicas, poemas e pequenos textos. Após cada apresentação, ocorriam debates, com momentos de reflexões, emoção, trocas de referências sobre as temáticas abordadas. Emergem indagações

de si mesmos em relação às experiências na universidade, em articulação com aquelas de outros espaços sociais, como também eram evidenciadas questões que os tocavam, quando estavam realizando tal processo.

Além das temáticas dos eixos, na última fase, a coordenadora apresenta para o grupo o vídeo de um ateliê de criação compartilhada, realizado a partir de uma obra fotográfica denominada: *Exílios/Reminiscências*, de Delory-Momberger (2018)⁷. No outro encontro, a coordenadora socializa seu próprio vídeo, *Portas e portais* como uma colagem de imagens, com suas fotografias e outras escolhidas da internet e com uma música ao fundo “Gracias a la Vida”. Em seguida, tendo como referência o ateliê de criação compartilhada, elaborado por Delory-Momberger, a coordenadora exhibe as fotografias referentes às imagens projetadas, pede para cada integrante escolher uma imagem e, depois, em tríade, são realizados os diálogos sobre as imagens escolhidas.

As atividades nas tríades têm como inspiração o ateliê biográfico de projeto (Delory-Momberger, 2014b, p. 96-101) e o ateliê de criação compartilhada (Delory-Momberger (2018). Ambos os dispositivos de formação propõem um trabalho biográfico em grupo, em que ocorre a socialização de narrativas de si, que demandam “uma inteligibilidade partilhada do mesmo e do outro” (2014b, p. 100) que, no caso de nosso dispositivo, era mediada pelas imagens enquanto parte de uma produção automedial: o vídeo *Portas e portais*.

Após assistir ao vídeo *Portas e portais*, em cada tríade, uma estudante contava por que escolheu a fotografia e o(a) outro(a) registrava, colocando o texto em primeira pessoa; a terceira pessoa elaborava questões sobre a história contada. No final, esses textos e discussões em grupo foram socializados.

⁷ Delory-Momberger e Carolina Kondratiuk (2018).

A tarefa final do ateliê com *blogs* reflexivos era que cada um(a), inspirado(a) no vídeo e na fotografia escolhida, criasse o seu vídeo *Portas e portais*, sobre sua relação com a universidade, para inserir nos *blogs* com um texto reflexivo. Foram criados sete vídeos e seis participantes postaram em seus *blogs*. Um deles, apesar de elaborar o vídeo, não o inseriu no *blog*. Os encontros posteriores foram destinados à apresentação dos vídeos em grupo e ao debate.

Nos encontros finais, ocorre uma avaliação coletiva da experiência vivenciada no ateliê. Nos meses seguintes, quatro jovens estudantes, três mulheres e um homem, que tinham ingressado no grupo de pesquisa da coordenadora, aceitam o desafio de elaborar um texto escrito, no qual narram os efeitos formativos do dispositivo⁸.

Pressupostos teóricos e metodológicos do dispositivo de pesquisa-formação

O ateliê com *blogs* reflexivos fundamenta-se na automedialidade como prática de si. A automedialidade realizava-se mediante a criação de *blogs* e vídeos como “meios” que propiciavam práticas de si individuais, tendo como eixo central a criação do *blog*, a partir da produção ou da escolha de imagens significativas sobre os momentos vividos.

Compreendemos a automedialidade no sentido apresentado por Delory-Momberger e Bourguignon (2020): “o trabalho biográfico e os processos de biografização passam por meios

e são objeto de mediações (que revelam o processo de medialidade)” (Delory-Momberger; Bourguignon, 2020, p. 18). Esses meios não são, simplesmente, suporte para expressar a subjetividade, mas são práticas do porquê e em que uma subjetividade em ato se encontra e exprime suas formas.

Parte-se do pressuposto de que os sujeitos se constroem nas práticas de si e nas técnicas de si, usando mediações exteriores. Concorramos com os autores quando salientam que não existe relação consigo mesmo se o sujeito não recorrer à exterioridade de um “meio” que possa abrir a possibilidade para uma prática de si. Nesse sentido, a noção de automedialidade “postula uma interpretação constitutiva do dispositivo medial, da reflexão subjetiva e do trabalho sobre si” (Moser; Dünne, 2008, p. 18). Delory-Momberger, Alves e Jurion (2019, p. 3) consideram, ainda, que “[...] a noção de práticas automediais permite englobar todas as formas de expressão e de linguagem: faladas e escritas, fotográficas, audiovisuais, gráficas, plásticas, digitais, corporais e gestuais, teatrais etc”. As autoras acrescentam que a reflexão relacionada à medialidade amplia o leque de possibilidades, porque permite que as práticas de formação tenham “[...] novas abordagens mais conscientes da interpenetração constitutiva do dispositivo medial, da reflexão subjetiva e do trabalho sobre si nos processos de construção do sujeito” (Delory-Momberger; Alves; Jurion, 2019, p.3).

Em nossa pesquisa-formação, a automedialidade é proposta a partir do dispositivo ateliê com *blogs* reflexivos. A construção desse espaço de socialização e de diálogo sobre as produções individuais parte do pressuposto de que a participação nesse dispositivo de pesquisa-formação permite, ao mesmo tempo, processos de formação de si para os(as) participantes e a produção de conhecimentos sobre nossa questão de pesquisa.

8 Além da elaboração das narrativas sobre os efeitos formativos do dispositivo, foi possível realizar cinco entrevistas de pesquisa biográfica, no âmbito da pesquisa maior, com os/as participantes do ateliê. Tais entrevistas trataram dos processos formativos vividos nos diferentes momentos na universidade e tinham como um dos eixos os sentidos dos processos formativos vivenciados no ateliê de pesquisa-formação com *blogs* reflexivos. Neste artigo tais entrevistas não são utilizadas.

Consideramos que os meios *blogs* e vídeos, mobilizados no dispositivo de pesquisa-formação, permitem a automedialidade enquanto um espaço de criação, porque ao produzi-los cada jovem estudante experiência uma reflexão subjetiva, articulada ao gesto da criação.

Tais meios escolhidos no grupo podem dar forma aos processos de criação (medialidade biográfica), como também proporcionam diferentes momentos de atividades reflexivas. Cada *blog*, por exemplo, mesmo com seus modos específicos construídos socialmente, tem as marcas de autoria de cada participante: sua forma, um título geral, postagens de imagens, poemas, música, produção de textos de cada seção, com as interpretações dos eixos do projeto de extensão focalizadas de modos específicos.

Os vídeos também seguem modos socialmente partilhados, com colagens de imagens que dialogam entre si, como uma música de fundo, significativa para aqueles que realizam a montagem de sua produção. No entanto, cada *blog* ou vídeo propicia também processos singulares de criação, com espaços de autoria. O que cada um(a) elabora, ao ser partilhado nos encontros em grupo, proporciona ressonância nas produções de outros(as) participantes¹.

Parte-se do pressuposto de que a criação, a sensibilidade e o sentir são capacidades humanas muitas vezes não legitimadas nas relações estabelecidas na cotidianidade e nos espaços universitários. Sem a pretensão de alcançar práticas de criação em sua plenitude, a apreciação e a produção propiciadas no ateliê com *blogs* reflexivos, especialmente com a produção e socialização dos vídeos, possibilitaram a construção de um espaço de criação compartilhada. Tais práticas de si se desenvolveram em busca de se aproximar de uma experiência de criação estética. Segundo Carlos Bizarro Morais (2002), a estética é, na verdade, uma dimensão da existência, do agir humano. O autor acrescenta que “[...] a experiência esté-

tica não nos aliena do mundo, mas faz-nos regressar a ele, para o olharmos de outro modo, mais enriquecido e mais exigente, depois de ela ter remexido o nosso próprio mundo, de ter confrontado o interior do nosso horizonte existencial” (Moraes, 2002, 116).

O dispositivo de pesquisa-formação fundamenta-se, também, na pesquisa (auto)biográfica, conforme Delory-Momberger (2014a; 2014c; 2021), Ferratotti (2013), Passeggi (2021) e Souza (2020), que estudam como os indivíduos constroem sentidos para os acontecimentos vivenciados no espaço social mediante a escuta e a interpretação das narrativas produzidas.

Ao participar do ateliê, cada estudante era convidado(a) a adentrar numa prática de si, a partir da produção de seu *blog* ou vídeo, e a refletir sobre sua relação com a vida e com a universidade e sobre o contexto em que suas experiências universitárias ocorrem.

Esse processo desencadeava a produção de narrativas de si individuais, nos pequenos textos dos *blogs*, as apresentações orais em cada encontro e, ainda, as narrativas partilhadas nos diálogos sobre as questões apresentadas por cada um(a) nos *blogs* e/ou vídeos. Novas questões eram suscitadas e havia trocas de referências teóricas ou experienciais sobre as temáticas debatidas.

Conforme Delory-Momberger, as narrativas não são consideradas apenas sistemas simbólicos em que cada um exprime sua existência; elas realizam experiências. São o lugar em que os indivíduos tomam forma, onde eles experimentam e elaboram sua história de vida, o que é denominado por Delory-Momberger “processo de biografização” (2014c).

As histórias são construídas por narrativas com meios corporais, orais, escritos e por imagens. Essas histórias são atravessadas por tensões, sentimentos e indagações porque são construídas, conforme Paul Ricoeur (1983), por operações de seleção do vivido; a partir da

memória, reconfiguram o vivido para responder a uma finalidade e constroem uma síntese do heterogêneo, o que permite a leitura de um sistema de relações e a fabricação de formas e sentidos.

Se a narrativa de si produz a experiência, ao interpretar e ressignificar o vivido, ela permite, ainda, um distanciamento reflexivo sobre outras perspectivas de compreensão dos outros, do mundo e da relação com a universidade. As referências de cada um(a) entrelaçam-se com as reflexões e referências das outras pessoas, propiciando intensos processos de heterobiografização enquanto aprendizagens obtidas a partir da escuta e da interpretação das narrativas de experiência do outro (Delory-Momberger, 2014c; 2019; Passeggi, 2021; Reis, 2020).

Como explica Delory-Momberger (2021), a atividade biográfica de narrar é um lugar de fazer experiência. Os diferentes momentos de práticas de si pela produção dos *blogs*, dos vídeos, de reflexões e de construção de narrativas individuais e em grupo produzem múltiplas experiências. Pode-se identificar que, em cada encontro, as questões relacionadas aos desafios da construção como estudantes desdobram-se em outras.

Se vivido em todos os momentos de nossas vidas, em espaços que possibilitam o diálogo sobre as narrativas de si, esse processo de biografização é intensificado. Os(as) estudantes são instigados(as), pela criação de postagens no *blog*, a aceder às suas “reservas de conhecimentos disponíveis” no sentido utilizado por Alfred Schutz (1979), para dar sentido a fragmentos do vivido.

Desse modo, no espaço reciprocamente medial e biográfico partilhado, era possível refletir sobre os desafios vividos na universidade, o que contribui para a emergência das aprendizagens biográficas. O processo vivido no dispositivo de pesquisa-formação produz recursos experienciais para cada participante

interpretar sua relação com o mundo, com os outros e consigo mesmo e, mais especificamente, para interpretar como se reconhece e como se sente reconhecido, ou não, pelos outros na universidade.

Esse processo tem o potencial de produzir uma formação de si a partir do que Harmut Rosa (2009) denomina “ressonância”. Para o autor, a ressonância é o contrário da alienação: explica ele que, para compreender a ressonância, é preciso entender a alienação produzida pela Modernidade Tardia. Para Rosa (2019, p. 11), “uma sociedade é moderna quando apenas consegue se estabilizar dinamicamente; quando é sistematicamente disposta ao crescimento, ao adensamento de inovações e à aceleração, como meio de manter e reproduzir sua estrutura”. Ainda conforme Rosa, por essa lógica, sempre há uma demanda para que nos superemos. “[...] No próximo ano, para mantermos o nosso lugar no mundo, devemos ser melhores, mais velozes, eficientes, inovadores – e, no ano seguinte, coloca-se o nível ainda um pouco mais acima” (Rosa, 2019, p. 15).

Acrescenta o autor que tal lógica pode ser identificada em todos os espaços sociais, especialmente nas práticas educacionais e na relação com o próprio corpo.

A proposta de pensar a relação com o mundo em termos de ressonância é apresentada por Rosa pela concepção da fenomenologia, segundo a qual “[...] apenas a partir da forma e da relação estabelecida, e do processo através do qual se constitui o ser na relação, é que surge aquilo que se manifesta como sujeito e mundo e que a partir de então poderá se dar num encontro” (Rosa, 2019, p. 30). Segundo o autor, é preciso mudar a relação que temos com esse mundo. Acrescenta ele que a ressonância não diz respeito a um estado emocional, e sim a um modo relacional “[...] no qual o sujeito e o mundo se colocam numa relação responsiva [...]” (Rosa, 2019, p. 31).

Para Rosa (2009), na modernidade, os sujeitos buscam experiências que propiciam a ligação ou o encontro com o outro, em especial, pelas experiências da natureza, estéticas e religiosas. Tal ligação pode ocorrer quando o outro toca o sujeito ou produz nele uma interferência. Acrescenta o autor, que “[...] na natureza, na arte, na religião e no trabalho com coisas específicas - como no processo de trabalho e em contextos sacrais de ação – os seres humanos buscam e realizam experiências de ressonância” (Rosa, 2019, p. 32).

O autor identifica três tipos de ressonância. Uma delas é a ressonância social, que ocorre entre as pessoas pelos encontros em sociedade que não são instrumentais. A ressonância social se estabelece “[...] em um mútuo alcançar do outro lado, que desdobra um efeito transformador em ambos os lados ou pelo menos pode desdobrar. Onde quer que ocorra, encontram-se nessa relação duas (ou mais) vozes que se permitem envolver-se mutuamente” (Rosa, 2019, p. 33). Mas, para tanto, é preciso que esses sujeitos se permitam um envolvimento recíproco.

Outro tipo é o eixo de ressonância existencial, em que o indivíduo “entra em contato com algo que lhe dirige e envolve sua existência como um todo, que toca os sujeitos com sua abrangência” (Rosa, 2019, p. 33). Há, ainda, a ressonância denominada por Rosa como material ou diagonal, que pode se desenvolver pela relação com objetos e artefatos (atividades cotidianas, poema para o poeta, texto para o jornalista etc.).

Portanto, para Rosa (2019, p. 34), ressonância pode ser entendida como “um acontecer processual, sempre dinâmico, bilateral [...], sendo o que emerge entre os atores. O objetivo ou o seu resultado é a transformação mútua [...]. Em relação de ressonância os sujeitos são tocados (afetados)”. Segundo ele, existem, em nossa sociedade e nas instituições, determina-

das práticas e experiências em que processos de ressonância são mais prováveis.

Outra questão importante no que se refere à ressonância é que somente ocorre quando as pessoas envolvidas têm uma atitude sensível a ela. Segundo Rosa (2019, p. 44),

[...] a ressonância implica uma abertura ao mundo, a qual pressupõe a disposição de escutar uma outra voz (incitada) e por ela deixar-se tocar. Essa disposição engloba fazer-se suscetível e aceitar o risco de se modificar [...] e se tornar outro [...] sem que se possa dizer o que derivará dessa transformação.

Portanto, as práticas culturais e sociais nas quais se pode vivenciar a ressonância possibilitam processos que visam à superação da alienação do mundo contemporâneo, voltado para a competição, o individualismo e as relações instrumentais com o aprender. Consideramos que tais processos contribuem para propiciar uma formação que nos toca, que nos transforma, o que denominamos como formação de si – em relação ao mundo, aos outros e a nós mesmos.

Na análise dos processos vivenciados no dispositivo de pesquisa-formação, identifica-se que construímos um espaço de confiança onde, pouco a pouco, os(as) participantes passam a estar disponíveis para um envolvimento recíproco, distanciando-se dos modelos pré-determinados para apresentar as postagens nos *blogs* e para a produção de seus vídeos.

É possível identificar, também, que dois eixos de ressonância emergem no dispositivo de pesquisa formação que realizamos. Pela produção dos *blogs* e vídeos, em intensidades diferentes, cada estudante experimenta a ressonância material, a partir dos meios criados, e, com mais frequência, identifica-se, nos encontros, a ressonância social, pela partilha dos meios produzidos e pelas narrativas individuais e coletivas.

Como explica Michel Foucault (2004), os sujeitos são constituídos por práticas sociais, simbólicas, materiais e históricas. Predominantemente, nos espaços sociais e nas práticas educativas, vivenciamos práticas coercitivas. O autor explica que a subjetivação refletida é possível em práticas sociais em que o sujeito se coloca em um trabalho para modificar a si mesmo e aos outros.

Consideramos que o dispositivo de pesquisa-formação com *blogs* reflexivos, com práticas automediais e com processos reflexivos, com as narrativas de si, pode ser um desses espaços onde os(as) participantes podem passar de uma subjetivação coercitiva a uma subjetivação refletida e mais autônoma enquanto práticas de si no sentido empregado por Foucault (2004). Desse modo, pode-se afirmar que tal dispositivo, ao proporcionar um trabalho de práticas de si pela automedialidade e por intensos processos de biografização, pode contribuir para a formação de si com ressonância no sentido empregado por Rosa (2019).

Breve descrição dos “meios” produzidos e apresentação de indícios de efeitos formativos

Apresentamos, a seguir, as análises de alguns materiais produzidos: *blogs*, vídeos e textos reflexivos sobre os efeitos formativos vivenciados para identificar indícios de ressonância para a formação de si dos(as) participantes do ateliê. Foram produzidos os *blogs*: “Devaneios de mim mesma”; “Em busca de um destino”; “Minhas memórias póstumas”; “Parafrazeando a universidade”; “Portas e portais: (r)existências”.

Um estudante parou de elaborar o *blog* e apresentou, no final do estudo, somente o vídeo *Em busca de capturar o vazio*; outro jovem criou uma página no Instagram, com algumas imagens, mas deixou de participar do ateliê por conseguir transferência de curso. Outra jo-

vem participou ativamente do ateliê, mas preferiu apresentar suas reflexões a partir de texto em estilo literário e em forma de poemas, sem deixar uma cópia para o grupo.

O processo formativo ocorre tanto pela construção de cada *blog* e de cada vídeo como também nas narrativas de si individuais e coletivas que essa produção evoca. Nos primeiros encontros, a maioria dos *blogs* é formal e impessoal. Aos poucos, eles passam a ter aspectos das singularidades das temáticas que fazem sentido para cada um(a), mesmo tendo como base os eixos definidos para os encontros.

A seguir, apresentamos aspectos dos materiais produzidos para a coordenadora do dispositivo e para quatro participantes, um homem e três mulheres, sobre os sentidos que atribuíram a essa experiência e as contribuições para sua formação.

Portas e portais

Após vários encontros, cada participante apresentou aspectos da construção de seu *blog*: “como a universidade entrou em sua vida”; “relação com os conteúdos acadêmicos”; “relações de sociabilidade na universidade”; “relação com os espaços da vida universitária” e “sentimento de pertencer ou não pertencer à universidade”.

Pouco depois, surgiu, no grupo, a demanda para que a coordenadora também participasse das produções, a partir de um *blog* sobre sua relação com a universidade. Queriam que ela também se autorizasse a partilhar com o grupo os sentidos de suas experiências vivenciadas na vida universitária.

Tendo em vista o espaço de confiança que estava sendo construído, a coordenadora aceitou o desafio, porque seria importante partilhar reflexões, angústias, inquietações e sentimentos da sua relação com a universidade. Ela não conseguiu organizar o *blog*, mas produziu o vídeo *Portas e portais*, que trata dos senti-

mentos vivenciados desde o período do estágio pós-doutoral⁹. O vídeo tinha como referência os modos de organização do ateliê de criação compartilhada, criado por Delory-Momberger.

Um vídeo é construído de modo bem artesanal, para apresentar imagens consideradas significativas sobre seu percurso desde o estágio em Paris à travessia vivenciada com o retorno dos trabalhos no Brasil. No início, havia a dúvida: como criar um vídeo não sendo uma artista? Teria o vídeo condições de se configurar como uma experiência estética no sentido empregado por John Dewey?

A coordenadora escolhe imagens produzidas no período de pós-doutorado e outras partilhadas no Facebook ou em notícias pela internet. Algumas fotografias são feitas na sala de aula e nos corredores da universidade. Ela realiza uma montagem, no sentido empregado por Walter Benjamin, e escolhe a música “Gracias a la vida”, de Violeta Parra, interpretada por Mercedes Sosa, uma cantora argentina que é referência na luta política na América Latina.

O vídeo é intitulado *Portas e portais* é organizado em três partes: momentos da vida na França, com imagens das leituras no Parque Legion d’Honneur, nos primeiros meses vividos em Saint-Denis; do período vivido em Paris, como, por exemplo, o retorno ao Museu de Orsay, onde registro meu reencontro com a dançarina de Degas; de minhas caminhadas pelo Parque de Bercy, para chegar à Biblioteca François Mitterrand, que remetia aos meus momentos de estudo nessa importante instituição, a possibilidade de levar meu filho para conhecê-la etc. Na segunda parte, retrata a transição para a cidade brasileira do Nordeste do Brasil. Na terceira parte, registra imagens sobre meu retorno à universidade; os signos da cultura local, desenhados nas paredes do prédio da faculdade de educação; a imagem das desigualdades sociais e do poder da televisão; a consciência de estar subordinada a um governo que considera os

professores, as políticas sociais e a educação pública como inimigos a combater. Finaliza o vídeo com a representação de uma mulher com a boca fechada, de um muro como obstáculo a ultrapassar e a imagem de um portal, obtidas na internet. Depois de rever e refletir, identifico que o vídeo *Portas e portais* procura apresentar os caminhos abertos pelas portas simbólicas que representam minha estadia na França, a possibilidade de entrar em outras dimensões da minha vida. Se o portal e as portas se abrem, eles também se fecham. Quando entrei em meu país, senti-me estar atravessando um portal em que o contexto político faz estremecer minhas estruturas subjetivas¹⁰.

Ela é tocada pelo sentimento de que portas se fecham, trazendo à tona muitos obstáculos a ultrapassar. As experiências vividas em Saint-Denis, Paris e Maceió atravessam os mundos por onde tenta transitar. Acionam-se lembranças boas, angústias, reflexões e sentimentos contraditórios.

O gesto automedial de se permitir construir o vídeo, de escolher e/ou produzir as imagens, de montar sua sequência, de colocar a música e, depois, da escrita do texto produz um potente efeito formativo. O movimento de se autorizar a produzir o vídeo, mesmo sabendo de suas limitações, propicia ressonância, conforme Rosa (2019).

Ela é afetada pelo processo, com a escuta sensível ao vivido, com efeitos transformadores. Cada vez que revia o vídeo, era afetada por sensações intensas relacionadas ao sentimento de ter conseguido criar algo que, para ela, fazia muito sentido e trazia, em si, a potência desse processo para a formação de si.

Aprendizagens, avanços, tensões, inquietações e receios, naquele momento de retrocesso político em relação a uma perspectiva emancipatória de educação, materializavam-se na montagem com as imagens. O vídeo compartilhado gerou reflexões e a produção de novos vídeos pelos(as) estudantes.

¹⁰ Período inicial do governo de Jair Bolsonaro (2019).

⁹ Realizado sob a supervisão de Christine Delory-Momberger, entre os anos de 2016 e 2017 (Laboratório EXPERICE – Université Sorbonne Paris Nord).

Aprende, também, com os *blogs* produzidos e as reflexões em grupo, a importância das questões de gênero, raça, classe social, apropriação simbólica e material que atravessam diferentes dimensões do espaço acadêmico enquanto desafios enfrentados na universidade, um território material e simbólico não vivenciado por todos em suas múltiplas possibilidades enquanto espaço de ensino, pesquisa e extensão, por exemplo.

Nos encontros, os desafios enfrentados são temáticas que perpassam o grupo, singularmente interpretadas por cada integrante. Enfim, trata-se da construção de um espaço de confiança com os(as) estudantes para socializar as produções do grupo e dialogar sobre elas, onde as questões trazidas por cada um(a) reverberam nas questões dos outros, referências experienciais e teóricas são trocadas e momentos de ressonância ocorrem em diferentes intensidades para cada participante.

Homem-máquina e Tentativa de capturar o vazio

Lucas¹¹, por exemplo, é o primeiro a se autorizar a trazer imagens de suas questões em relação à universidade, sem se apegar aos modelos de construção de imagens e de *blogs* preestabelecidos. Ele já gostava de produzir imagens, da arte de fotografar, e apresentou a primeira postagem de seu *blog*, sobre como “a universidade entrou em sua vida”, com a imagem do céu da universidade à noite, com os fios da rede elétrica expostos. Denominou a imagem como *A universidade produtora do “homem-máquina”*, em razão do predomínio da racionalidade e do excesso de atividade, que subtraem da vida a sensibilidade na relação com o mundo.

Ao mesmo tempo, Lucas apresenta um engajamento com as experiências vividas nos

11 Nomes fictícios.

espaços formativos universitários que estão fora da sala de aula, como o Movimento Negro organizado por estudantes universitários. Afirma ele: “a partir dos nossos não pertencimentos e dos nossos corpos, conseguimos discutir racismo, classe social, homofobia, ser ou não ser parte do que a universidade entende como universitários, e conseguimos criar um lugar para chorar dentro da universidade”.

Depois de ter participado do ateliê com o vídeo *Portas e portais*, Lucas constrói um vídeo, que denomina *Tentativa de capturar o vazio*. Abaixo, apresentamos uma foto de cada parte do vídeo, com a explicação do autor

Figura 1 – A fuga (parte um)



Fonte: fotografia do vídeo produzida por Lucas, 2019.

Figura 2 – Começos (parte dois)



Fonte: fotografia do vídeo produzida por Lucas, 2019.

Utilizei mais vídeo do que fotografias. O meu melhor amigo aparece dirigindo, meus dois grandes amigos da graduação aparecem na se-

gunda foto, as nossas sombras num chão amarelado, a universidade aparece diversas vezes, a reitoria num momento de mobilização estudantil, a biblioteca, um dos lugares que mais frequento na universidade. Tudo na parte dois é mais alegre, são todos os momentos bons e pessoas que me faziam feliz, que me faziam ter um sentido de pertencimento na universidade, a música é mais alegre. Diferente da parte um, parece que eu estava olhando menos para o alto, e mais para o que estava em minha frente, quase como se eu estivesse voltando de vez para a universidade, como se eu estivesse reclamando de volta aquele espaço para mim (Lucas).

Esse vídeo teve um grande impacto quando foi apresentado para a turma. Ele produzia sensações de emoção e reflexões em quem assistia, mas não era possível identificar exatamente o que representava. As imagens tinham um ritmo que se enredava com a música e as cores utilizadas. No início, era triste e retrospectivo; aos poucos, tornava-se mais pulsante e com “vida”. No relato de experiência sobre os efeitos formativos do dispositivo formação, Lucas salienta que:

A sensação de não pertencimento ao ambiente universitário foi muito marcante durante o período do ateliê e acabou tornando-se uma questão que ‘nor-teou’ a maneira como produzi minhas narrativas, imagens e vídeos dentro do grupo, e de como dialoguei, ou deixei de dialogar, com as pessoas à minha volta. O processo de entender, realmente, minha experiência com a universidade, algo que, eu penso, não é feito de maneira consciente por todos nós. Foi desconfortável no começo, mas depois tornou-se algo muito importante para entender essas contradições nas quais estava imerso durante meu percurso como um jovem que tem sua experiência atravessada pela materialidade de ser negro, gay e da classe trabalhadora. [...]

Se por um lado, dentro da universidade não somos permitidos a ter uma subjetividade que é tão aparente quanto nossas racionalidades, por outro, dentro do grupo e no decorrer do ateliê, percebemos que essa subjetividade existe e

pode ser utilizada como um recurso de formação muito importante para outros jovens. Ela pode coexistir com a racionalidade da universidade. Penso que o período do ateliê não nos deixou apenas aquele pequeno espaço para chorar, nos abrir uns para os outros, e dialogar, mas fez com que conseguíssemos conquistar outros espaços dentro da universidade, andar em lugares que antes não conseguíamos. O processo de formação, que foi feito por nós, a partir desse choro, nos permitiu entender a universidade a partir de outro ponto, a partir da união de nossas experiências, subjetividades e sensações com nossas análises do mundo, do nosso lugar dentro da sociedade e da universidade (Lucas).

“Existir e resistir” e “Portas e portais: (re)existência”

O *blog* de Luana denomina-se “Existir e resistir” e a temática que perpassa as postagens é a questão da resistência, que fazia parte de sua caminhada como mulher jovem, estudante universitária e lésbica.

Apresentamos, a seguir, alguns aspectos analisados sobre sua participação no ateliê:

No período da participação no ateliê com *blogs* reflexivos, ela estava no meio do curso, com muitas demandas e atividades, vivenciando experiências novas: trabalhava como bolsista em um museu, havia cursado disciplinas que contribuíam para sua afirmação identitária. Ela partilhava com o grupo uma tristeza sobre os novos rumos políticos em relação à universidade, em razão do novo governo que assumia o poder e preconizava retrocessos nessa área. A temática de reconhecimento de si e de resistência, como mulher lésbica, contra a homofobia, os preconceitos e a invisibilidade das mulheres nos espaços sociais e na universidade perpassa tanto as produções escritas quanto imagens no *blog* e debates em grupo. (Reis, 2022, p. 47)

Suas postagens são: *(Re)existindo*, em que trata do lugar da universidade em sua vida; *Memórias*, em que coloca três imagens e uma música, a partir de seus registros fotográficos

sobre grafites e pixações nas paredes do prédio do curso. Ela explica que tais imagens representam sentimentos de lutas e de histórias; *Silêncio*, que conta com uma fotografia que escolheu quando participou do ateliê *Portas e portais*, apresentado pela coordenadora.

Luana escolheu a imagem de uma mulher com os olhos e a boca tampadas por se articular com outras imagens e reflexões que produz no *blog*, no sentido da necessidade de a mulher resistir aos preconceitos e violências vivenciadas na sociedade. A seguir, na Figura 3, a capa do vídeo produzido.

Figura 3 – *Portas e portais: (re)existência*



Fonte: <https://bit.ly/423i0NC>.

O vídeo tem, como página inicial, um girassol. As imagens, produzidas ou escolhidas, remetem a questões relacionadas à luta por uma educação emancipadora, pelo respeito à diversidade e de pertencimento aos espaços

em que Luana se sente bem (com as amigas, no museu onde trabalha como monitora, em encontros em grupo etc.).

No relato de experiência sobre efeitos formativos do dispositivo de pesquisa-formação, ela explica:

Tive um pouco de dificuldade em registrar as imagens, pois me questionava se aquela foto teria realmente alguma relação com a universidade, mas sei que sempre tivemos muita liberdade em relação aos registros. O título do meu *blog* é 'Existo e resisto', sendo que a primeira postagem tem como título *(R)existindo*. Esse primeiro *post* tinha a pauta de apresentar como foi o caminho até chegar à universidade e como foi ingressar nela. Denominei a segunda postagem de *Memórias*, escrevi apenas algumas frases e trouxe imagens das paredes da sala do Centro Acadêmico do curso de Pedagogia. Aquelas paredes sempre me fazem refletir sobre muitas coisas e representam-me bastante. Trouxe também, nessa postagem, uma música que fala um pouco sobre como me sinto diante da sociedade enquanto mulher. A terceira postagem foi feita a partir de uma imagem que escolhi, dentre várias disponibilizadas no vídeo *Portas e portais*. Teve como título a palavra *Silêncio*. A partir dela, narrei um pouco sobre como as mulheres são silenciadas e oprimidas até os dias de hoje. A quarta e última postagem foi o vídeo *Portas e portais: (re)existência*, sobre o que é universidade para mim, a partir das imagens, trazendo vários aspectos importantes. Durante as conversas, as ideias iam surgindo, o diálogo com o outro, a troca de experiências. O *blog* foi muito importante para mim em relação aos registros. Poder fazer parte desse espaço muitas vezes trouxe-me o sentimento de pertencimento, acolhimento e cuidado, considerando que os estudantes que permaneceram, assim como eu, são da classe popular, cada um com sua luta e seu esforço para manter-se na universidade. O exercício de ouvir as outras pessoas presentes nos encontros, de certa forma, trouxe-me um novo olhar, não apenas sobre elas, mas também sobre as pessoas ao meu redor, e isso somente foi possível a partir desse espaço que construímos ao longo dos meses (Luana).

Memórias póstumas de Brás Cubas

Ana explica que a questão do “não pertencimento” à universidade emerge no ateliê e acaba se tornando central na maneira como produziu suas “narrativas, imagens e vídeos dentro do grupo”. Ela acrescenta:

Através das postagens dos *blogs* e das narrativas orais, um laço foi sendo criado. Trabalhar com imagens e escrever coisas pessoais era algo novo. Demorou alguns dias para decidir um título para o meu *blog*, pois gostaria de um tema que refletisse, dentro do possível, algo de quem eu sou ou algo que gosto, e acabei escolhendo um nome que fizesse referência ao livro de Machado de Assis *Memórias póstumas de Brás Cubas*, por ser um livro que marcou minha adolescência e minha vida escolar. Cada vez que faço postagem no *blog* e depois levo para discussão no grupo me faz refletir. E questões como consciência de raça, classe, sexualidade, privilégios, relações pessoais e familiares sempre estavam presentes, e como tudo isso nos influenciou de forma direta e indireta no ambiente da universidade. Mesmo quando eu não falava, só ouvia, o que era muito raro, eu me reconheci através das falas das outras pessoas e algumas vezes, quando era falado algo com que eu não concordei, havia muita liberdade para responder, tudo com muito respeito. Durante as discussões no grupo, eu percebi o quanto ingressar na universidade me empoderou enquanto mulher negra. Transitar por espaços onde eu não era única, onde existem diversos corpos, onde as pessoas podiam assumir quem elas eram me fortaleceu bastante, mesmo dentro da sala de aula, passando por algumas situações que fogem completamente do que acontecia nesses espaços. Ali, eu me sentia acolhida e respeitada; a partir dali, meu senso de pertencimento em relação à universidade se consolidou.

Participar do grupo de extensão com certeza trouxe muitos aprendizados que me fizeram evoluir de forma positiva como pessoa e estudante. Ajudou e ajuda a entender que tudo bem ter dificuldades e que é normal não dar conta

de todas as demandas que surgem no caminho acadêmico, afinal, minhas vidas pessoal e intelectual não andam separadas, mas, sim, juntas (Ana).

“Devaneios de mim mesma”

Para alguns, a participação no grupo produz, também, maior segurança para se movimentar e se fazer presente, tanto nos espaços da universidade como em outros espaços sociais, como explica Paula:

Intitulei meu *blog* de ‘Devaneios de mim mesma’. O título foi pensado enquanto eu observava o céu, deitada num banco da Praça da Paz. ‘Devaneios’ podem ser sonhos, lembranças, utopias e, naquele determinado momento, eu me considerava uma sonhadora e tanto. Em meu *blog*, tentei tratar e mostrar um pouco de onde eu vim, da minha terra natal, dos caminhos que preciso percorrer todos os dias para chegar à universidade, e que é nesses caminhos que reafirmo meus sonhos e crio tantos outros. Também abordo sobre o meu olhar em relação às portas e aos muros que estão presentes em nossos caminhos e na universidade; o quanto as mensagens escritas naqueles espaços me ajudaram a seguir em frente em momentos difíceis. Criar o conteúdo para o *blog* também foi uma ‘descoberta’, pois nem eu imaginava escrever coisas tão legais e profundas e que outras pessoas também pudessem gostar do meu jeito de escrever. Isso me propiciou segurança na escrita dos meus sentimentos e me abriu algumas portas, tanto que pude apresentar um poema criado por mim numa feira literária na minha cidade. O afeto construído e as vivências trocadas ficaram marcadas na minha vida. Meu sentimento é de que mais espaços como esse precisam ser construídos nas universidades, para que jovens possam se sentir acolhidos/as, respeitados/as e à vontade para ser quem são, sem medo dos julgamentos que nos cercam diariamente na universidade e na sociedade em que vivemos (Paula).

É importante salientar que a questão de se reconhecer como pertencente ou não à universidade emerge como central nas análises, tan-

to nas reflexões individuais quanto nas coletivas. Questões de classe, de gênero e de raça são recorrentes e produzem aprendizagens recíprocas. Novos modos de compreender a relação de si mesmo(a) com a formação universitária também.

Pela escuta, pelo diálogo sobre as postagens nos *blogs* e pelos vídeos produzidos, cada um(a) pôde se reconhecer nas experiências dos outros, o que permitiu potencializar aprendizagens e reflexões. A formação de si é perpassada pelos processos denominados heterobiografização, aprendizagens intensas e recorrentes nos encontros, de acordo com Delory-Momberger (2014c, 2019), como também como efeitos de ressonância social, como explica Rosa (2019), que contribuem para novos olhares para as questões vivenciadas.

Considerações finais

O dispositivo de pesquisa-formação com *blogs* reflexivos tem como “meio” (*medium*) o *blog* e, inserido nele, o vídeo. Se sua produção é pela prática de si individual, com possibilidade de autoria e reflexividade, pode propiciar um tipo de experiência e de ressonância material, relacionada ao ato de criação. Sua socialização propicia outras experiências, como aquela de narrar ou de traduzir em palavras as postagens ou o vídeo produzido e de dialogar sobre as questões apresentadas, com potentes momentos de heterobiografização e de ressonância social.

Desse modo, como explica Foucault (2004), tal dispositivo se organiza não como processo de assujeitamento, mas como práticas de si como subjetivação refletida. Sua proposta é contribuir para o “poder de agir” dos(as) jovens em relação aos desafios para se construir como estudantes na universidade.

Nesse sentido, a pesquisa-formação realiza-se pela articulação entre a dimensão existencial/criadora/sensível, com automedialida-

de, a partir da criação do *blog*, de vídeos, da produção ou ressignificação de imagens e da dimensão intelectual/sensível (reflexão sobre essa implicação a partir das narrativas de si, individuais e coletivas).

Se esse dispositivo permite propiciar uma subjetivação refletida sobre si, os outros e o mundo, pode-se dizer que possibilita um tipo específico de experiência de formação de si. Compreendemos a formação de si como aquela que rompe com a perspectiva instrumental, técnica, de aprender para atender aos interesses da sociedade capitalista.

Privilegia-se o processo, no qual o espaço partilhado de formação valoriza a autoria e um retorno reflexivo sobre si mesmo que é também um retorno reflexivo sobre os outros e o mundo, que pode resultar em um exercício de autorização de si para a criação¹².

Tal perspectiva de formação não é valorizada ou é pouco vivenciada na universidade, por exemplo. De modo geral, são subtraídas dos processos de formação possibilidades de criação, da reflexividade sobre si mesmo, sobre os outros e sobre o mundo. Desse modo, construir o *blog* reflexivo não é uma tarefa fácil, pois vai na contramão daquela experiência valorizada na cultura universitária.

Como um dispositivo criado pela primeira vez, identificamos a necessidade de trabalhar melhor com o grupo, em sua próxima edição, essa abertura ao mundo, aos outros e a si mesmo para a criação pela arte, pela sensibilidade. No processo vivenciado, tivemos a ideia de trazer para o grupo apreciar os “Cadernos de Artista” e seus modos de registrar sua criação, como também convidar pessoas relacionadas à criação estética, com suas referências, mas não foi possível.

¹² Para tal criação, o sujeito singular/social mobiliza suas referências e as questões construídas (relação com o saber), a partir das interpretações das experiências vivenciadas nos diferentes espaços sociais (biografização). Ver: Reis (2021).

Defendemos que a formação acadêmica seja profunda e engajada em torno de uma formação crítica que possibilite encontros com produções teóricas relevantes, mas que tais dimensões se integrem em processos formativos com espaços de partilha e que sejam possibilitados os encontros com dispositivos automediais, com a criação, com a estética do sensível, para que tenhamos experiências formativas com ressonância.

Vale ressaltar que o dispositivo com *blogs* e vídeos reflexivos é, também, um privilegiado procedimento para o estudo das diferentes dimensões da construção dos(as) jovens como estudantes na universidade, pois esses espaços de reflexividade viabilizam a realização de pesquisas com as juventudes e não sobre elas.

Referências

ALBERO, Brigitte. La formation en tant que dispositif : Du terme au concept. In: Bernardetti Charlier & France Henri. **La technologie de l'éducation: Recherches, pratiques et perspectives**. Presses Universitaires de France, 2010. p. 47-59.

BERTEN, André. Dispositif, médiation, créativité: petite généalogie, **Hermès**, n° 25, Paris, CNRS Ed., 1999, p. 33-47.

BRITO, Josilene Almeida; SOUZA, Flávia; SILVA, João; GOMES, Alex Santos. O blog como ferramenta de aprendizagem colaborativa: uma experiência em um curso de formação técnica, XX **Simpósio Brasileiro de Informática na Educação**, Florianópolis, Santa Catarina, 2009.

DAYRELL, Juarez. A escola faz juventudes? Reflexões sobre a socialização juvenil. **Revista Educação & Sociedade**. Campinas, v. 28, n. 100, out. 2007, p. 1105-1111.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. Juventudes e Ensino Médio: quem é esse aluno que chega à escola. In: Dayrell, Juarez; Carrano, Paulo; Linhares, Maria Carla. **Juventudes e Ensino Médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

DELORY-MOMBERGER, Christine ; KONDRATIUK, Carolina. Ateliê de Criação Compartilhada. Exílios/Reminiscências, Universidade Cidade de São Paulo – UNICID, **VIII CIPA**, 18 e 19 de setembro de 2018.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **As histórias de vida**: da invenção de si ao projeto de formação. Natal: EDUFRRN; Porto Alegre: Edipucrs; Salvador: Eduneb, 2014a.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Biografia e formação continuada: a experiência e o projeto. In: DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação**: figuras do indivíduo-projeto. Tradução: Maria da Conceição Passeggi, João Gomes da Silva Neto e Luiz Passeggi. Natal : EDUFRRN, 2014b.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **La recherche biographique en éducation**. Fondements, méthodes, pratiques. Paris: PUSG, 2014c.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. **Em Foco: Histórias de vida e formação. Educação e Pesquisa** **32 (2)**, Ago 2006, p. 360-371.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Heterobiographie et heterobiographisation In : DELORY-MOMBERGER, Christine. (org.). **Vocabulaire des Histoires de vie et de la Recherche Biographique**. Toulouse: Éditions Érès, 2019, p. 89-91.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Automédialité. In: DELORY-MOMBERGER, Christine. (org.). **Vocabulaire des Histoires de vie et de la Recherche Biographique**. Toulouse: Éditions Érès, 2019. p. 36-39.

DELORY-MOMBERGER, Christine; ALVES, Carolina Aloisio.; JURION, Anne-Sophie. **Medialidades biográficas e práticas de si**. 2019. Disponível em: http://grifars.ce.ufrn.br/wp-content/uploads/2019/04/Colo%CC%81quio-International-da-Pesquisa-Bioga%CC%81fica-em-Educac%CC%A7a%CC%83o-Paris-out_2019-1-1.pdf. Acesso em: 5 nov. 2021.

DELORY-MOMBERGER, Christine; BOURGUIGNON, Jean-Claude. **Médialités biographiques, pratiques de soi et du monde**: le sujet dans la cité. Paris: L'Harmattan, 2020/1. p.17-26.

FERRAROTTI, Franco. **Sobre a ciência da incerteza**: o

método biográfico na investigação em Ciências Sociais. Porto: Edições Pedagogo; Luanda: Edições Mulemba, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos**. Ética, sexualidade, política. MOTTA, M. B. da (Org.). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. v. 5.

JOSSO, Marie-Christine. **Caminhar para si**. Porto Alegre: Edipucrs, 2010.

KAPLAN, Abraham. Introdução. In: DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo, Martins Fontes, 2010.

MORAES, Carlos Bizarro. Experiência estética e educação. **Theologica**, 37 (1), 2002, p.105-117.

MOSER, Christian ; DÜNNE, Jörg. Automédialité. Pour un dialogue entre médiologie et critique littéraire. **Revue d'Études Culturelles**, 4 (L'automédialité contemporaine, sob a direção de B. Jongy), 2008, p. 11-20.

PAIS, José Machado. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2ª ed., 2003.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de. O Movimento (Auto)Biográfico no Brasil: Esboço de suas Configurações no Campo Educacional. **Investigación Cualitativa**, 2017, 2(1) pp. 6-26.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Reflexividade narrativa e poder auto(trans)formador. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 44, 2021, p. 93-113.

PRIMO, Alex. Blogs e seus gêneros: Avaliação estatística dos 50 blogs mais populares em língua portuguesa. In: **XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** - Intercom 2008, Natal. Anais, 2008.

REIS, Rosemeire. Juventudes, vida universitária e relação com o saber: contribuições das narrativas de si. **Revista Debates em Educação**, v. 14, n. 35, maio/ago., 2022, p. 32-57.

REIS, Rosemeire. Pesquisa Biográfica e heterobiografização: fonte de aprendizagem para o/a pesquisador/a. **Revista Portuguesa de Educação**, 33 (20), 2020, p. 295-309.

REIS, Rosemeire. Diálogos entre Questões de Pesquisa que Orientam a Teoria da Relação com o Saber de Bernard Charlot e a Pesquisa Biográfica em Educação de Christine Delory-Momberger. **Revista Internacional Educon**, 2(3), 2021, p. 1-18.

REGUILLO, Rossana. Las culturas juveniles: um campo de estudio. Breve agenda para la discusión. **Revista Brasileira de Educação**. Belo Horizonte, n. 23, maio/ago., 2003, p. 103-117.

RICOEUR, P. **Tempo e narrativa 1: a intriga e a narrativa histórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

ROSA, Harmut. Escalada ou saída? O fim da estabilidade dinâmica e o conceito de ressonância. In: **Aceleração: a transformação das estruturas temporais da Modernidade**. São Paulo: Ed. UNESP, 2019, p. 9-50.

SCHÜTZ, Alfred. **Fenomenologia e relações sociais**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1979.

SPOSITO, M. P.; CARRANO, P. C. R. Juventude e políticas públicas no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, set./dez., 2003. p. 16-39.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Investigación (auto) biográfica como acontecimiento: diálogos epistémico-metodológicos. **Márgenes Revista De Educación De La Universidad De Málaga**, 1(3), 2020, 16-33.

Recebido em: 30/04/2023

Revisado em: 22/11/2023

Aprovado em: 26/11/2023

Publicado em: 14/12/2023

Rosemeire Reis é pesquisadora produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), com pós-doutorado em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) e pela Université Sorbonne Paris Nord. Professora no Centro de Educação, na Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e no Programa de Pós-Graduação em Educação dessa universidade. Líder do grupo de pesquisa: Juventudes, Culturas e Formação (GPEJUV-UFAL). Pesquisadora associada do Laboratoire Experice (Equipe USPN). E-mail: reisroseufal@gmail.com.